

# CARACTERIZAÇÃO GEOLÓGICA DOS INTERVALOS SILURIANO E MESODEVONIANO-EOCARBONÍFERO DA BACIA DO PARANAÍBA E SUA RELAÇÃO COM O GONDWANA NW

*Assis., A.P.<sup>1</sup>; Linol, B.<sup>3</sup>; Corrêa-Martins, F.J.<sup>2</sup>; Schmitt, R.S.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro; <sup>2</sup>Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro;

<sup>3</sup>Nelson Mandela Metropolitan University

**RESUMO:** A Bacia do Parnaíba é uma porção remanescente de uma extensa área de sedimentação afro-brasileira (Gondwana Centro-Oeste) com aproximadamente 675,000 km<sup>2</sup>, localizada em sua maior parte na Região Nordeste do Brasil (Piauí). Apesar do estímulo exploratório nos últimos anos, esta bacia ainda é considerada uma bacia pouco conhecida. Os intervalos Siluriano e Mesodevonianio-Eocarbonífero da Bacia do Parnaíba, representados pelos grupos Serra Grande e Canindé, correspondem a um importante registro da evolução do bloco noroeste do Gondwana durante o Paleozoico Inferior, porém ainda são escassos os trabalhos que abordem a correlação regional do Paleozoico Inferior da Bacia do Parnaíba com as demais bacias gonduânicas. Juntos, estes grupos estratigráficos são predominantes na borda leste da Bacia do Parnaíba e sustentam o relevo da Serra de Ibiapaba na fronteira entre o Piauí e Ceará. Este trabalho apresenta o estudo estratigráfico, sedimentológico e análise de paleocorrentes dos grupos Serra Grande e Canindé, em afloramentos localizados entre Ipú (CE) e Jaicós (PI). O objetivo é trazer novos dados sedimentológicos e estratigráficos, com a finalidade de corroborar com entendimento sobre a evolução da porção noroeste do paleocontinente Gondwana durante o Paleozoico Inferior. A análise estratigráfica se baseou na descrição de 15 fácies sedimentares, englobadas em oito associações de fácies e posteriormente interpretadas como registros de paleoambientes que evoluíram conforme variações do nível eustático e tectônica regional. Das associações de fácies, três pertencem ao Grupo Serra Grande e cinco são do Grupo Canindé. No Grupo Serra Grande há predomínio de fácies fluviais com frequência de elementos arquiteturais de canais entrelaçados, nas Formações Ipú e Jaicós, já a Formação Tianguá, parte média do grupo, é constituída por sedimentos marinhos. Na base da Formação Ipu, Grupo Serra Grande, foi estudado um afloramento em um corte de estrada recém escavado, que corresponde a uma espessa sucessão de tilitos e folhelhos, interpretados aqui como depósitos de geleiras em ambientes peri-glaciais, que possivelmente são correlatos à Formação Iapó na Bacia do Paraná e à Formação Pkhuis na Bacia Cape (África do Sul). Já o Grupo Canindé é constituído predominantemente por sedimentos de origem marinha, registrados por fácies de planícies plataformais e de ambiente nerítico, nas formações Itaim, Pimenteiras e Poti, e por fácies estuarinas e deltaicas das formações Cabeças e Longá. Na análise de paleocorrentes foram interpretados padrões de direção noroeste (305°) nas fácies fluviais do Grupo Serra Grande. O que é oposto às direções regionais de paleocorrentes nas bacias do Paraná e Cape, sugerindo um relevo herdado do orógeno brasileiro no Gondwana Central. O contato entre os dois grupos foi interpretado como discordante, evidenciado pelo contraste do ângulo de mergulho das suas camadas, sendo que as camadas do Grupo Serra Grande possuem mergulho com média de 15° para Oeste (280°), ao passo que o Grupo Canindé apresenta pouca inclinação. A integração dos dados sedimentológicos e estruturais (paleocorrentes), permitiu obter interpretações paleogeográficas, segundo modelos de reconstrução do Gondwana, e também permitiu realizar alguns apontamentos sobre a correlação deste intervalo com unidades cronocorrelatas que pertencem à Bacia do Cape-Karoo na África do Sul.

**Palavras-chave:** Siluriano, Devoniano, Bacia do Parnaíba.